

## A educação para o transcendente e as artes orientais<sup>1</sup>

Chie Hirose<sup>2</sup>

**Resumo:** Ao contrário do que pensa o senso comum, as artes orientais versam sobre o simples: mais do que alguma iluminação esotérica para realidades especiais, a transcendência é buscada com um novo olhar para a realidade quotidiana, o que ocorre também na tradição ocidental, como se resume na obra poética de Adélia Prado.

**Palavras Chave:** Educação oriental. artes orientais. cerimônia do chá. quotidiano.

*Education, transcendence and Oriental arts*

**Abstract:** Oriental arts are all about the simple rather than esoteric practices. And the same goes for Western tradition, as summarized by poet Adelia Prado: everyday life is the key for getting transcendence and wisdom. This point of view is shared too by great masters of Tea Ceremony. Even methodology of research should be centered in the “simple”.

**Keywords:** Oriental education. Oriental arts. tea ceremony. Everyday Life.

### Introdução

Um dos maiores equívocos do Ocidente em relação às artes orientais é o de apresentá-las como exóticas, envoltas na esotérica bruma de arcanos, somente acessíveis a iniciados. Na verdade, a sabedoria oriental coincide fundamentalmente com a (legítima) tradição ocidental em seu centro essencial (o que pode desorientar os “gurus” de plantão): o voltar-se para o simples!

Sim, trata-se da aquisição de um novo olhar, mas esse olhar não se dirige a uma realidade diferente e abstrusa; trata-se, simplesmente, de uma nova visão da mesma e única realidade quotidiana, que está aí ao alcance de todos.

Nesse sentido, nada mais oportuno do que recordar o inspirado verso de Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra e vejo pedra mesmo<sup>3</sup>

Pedra. A prosaica e quotidiana pedra... que, pela poesia ou pelos diversos *do*, m nosso caso, a Cerimônia do Chá, *Chado*, revela seu algo mais...

Se o poeta só de vez em quando perde o acesso ao *plus* da pedra, nós outros precisamos educar-nos para esse *plus*, tão real quanto a própria pedra. É também Adélia que nos alerta para o transcendente no quotidiano:

---

<sup>1</sup> Originalmente, conferência no *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientes*. São Paulo, 21-12-11.

<sup>2</sup> Doutora em Educação Feusp. Professora das Facs. Integradas “Campos Salles”. hirosec@hotmail.com

<sup>3</sup> Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p.199

Onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho esta vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim. E a coisa da transcendência, quer dizer: a transcendência mora, pousa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas<sup>4</sup>.

E em conferência no programa “Sempre um Papo” da TV Câmara em 06-08-08 (<http://www.sempreumpapo.com.br/audiovideo/index.php>), Adélia reafirma essa “mística do cotidiano”:

E é a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda. E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa que já tinha visto muitas vezes: “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!” –, aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é, ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido.

Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extra-ordinário) (...) E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida. O nosso heróico, o nosso heroísmo é desse cotidiano... nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo [Pieper]: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis... O cotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro:

Há mulheres que dizem:  
Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
mas que limpe os peixes.  
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.  
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,

---

<sup>4</sup> Prado, Adélia "Poesia e Filosofia", in Lauand, Jean *Interfaces*, São Paulo, Hottopos, 1997, pp. 23-24.

de vez em quando os cotovelos se esbarram,  
ele fala coisas como 'este foi difícil'  
'prateou no ar dando rabanadas'  
e faz o gesto com a mão.  
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez  
atravessa a cozinha como um rio profundo.  
Por fim, os peixes na travessa,  
vamos dormir.  
Coisas prateadas espocam:  
somos noivo e noiva.

Adélia radicaliza em sua mística, buscando o transcendental (em seu caso, em moldes cristãos) não só nas maravilhas explícitas da natureza, mas até nas situações mais vulgares ou mesmo, à primeira vista, repugnantes: das tripas de peixe ao sebo dos frigoríficos. Se já o feijão do dia a dia convoca a transcendência, a Cerimônia do Chá – com seus mil estudados passos – potencializará essa possibilidade de experiência.

Discutimos, há pouco [em outra sessão do Encontro], a propósito da Cerimônia do Chá, aspectos do corpo na educação japonesa. Nesta comunicação, quero focalizar alguns pontos importantes daquilo que poderíamos chamar de “busca do transcendental”, formulação evidentemente não unívoca, mas que não deixa de ter um sentido preciso neste caso.

O autorizado mestre Soshitsu Sen XV começa sua obra *Vivência e Sabedoria do Chá* recordando um essencial, o mesmo de Adélia:

Certa vez um monge perguntou a seu mestre: “Não importa o que há pela frente: qual é o Caminho?” O mestre imediatamente respondeu: “O Caminho é o seu dia a dia”<sup>5</sup>

Não é por acaso que Soshitsu Sen XV situa essa sentença como seu princípio fundamental: o chá, o comezinho e quotidiano chá, como caminho para a “totalidade da existência”<sup>6</sup>. O simples chá, “corretamente”, como diz o grande mestre Rikyu:

“O Chá, nada mais que isto:  
Primeiro você aquece a água, e então você prepara o chá.  
Então você o bebe corretamente.  
Isto é tudo o que você precisa saber.”<sup>7</sup>

Encontramos a busca do caminho para a “totalidade da existência” de que fala Soshitsu Sen XV, também na tradição ocidental, mesmo à margem do pensamento cristão. Em um caso e no outro, estamos diante de potencialidades já expressas por um dos patriarcas da filosofia grega, Heráclito, em sua famosa sentença nominal: *hen panta*: um (no) todo; um (é, está em) tudo; um (convoca o) todo etc. Lauand vê nessa sentença a própria definição do espírito humano; que buscará sua objetivação na instituição universidade. E pondera que a própria palavra *universitas*, para além de seu

---

<sup>5</sup>. Soshitsu Sen XV *Vivência e Sabedoria do Chá*, São Paulo, TAQ, 2ª. ed. 1985, p. 23.

<sup>6</sup>. *Ibidem*, p. 23.

<sup>7</sup>. cit. in *Ibidem*, p. 54.

significado originário organizacional, aponta para o fato de uma realidade ter capacidade de convocar o todo do universo; pois o espírito humano é abertura para o todo do real:

Essa capacidade de abertura para o todo do real, que é precisamente o conceito clássico de espírito, é, dizíamos, a *ratio* fundacional da universidade. Mas o espírito não é um espírito puro: é um espírito encarnado e o homem está chamado a buscar – com sede de *Eros*, como diz Platão – respostas sobre a conexão global (*Zusammenhang*) da realidade: o *Hen panta*, o "um/todo" de Heráclito: o um que convoca o todo da realidade, que, como dizíamos, segundo Platão é aquela característica fundamental da verdadeira educação: o permanente impulso "para alcançar o todo das coisas divinas e humanas em universal" (*República*, 486a).<sup>8</sup>

Esse poder de abertura do *hen panta* é o que ocorre também, em sua versão oriental, no *Chado*: do simples chá, do preparo, do contato pelo tato com a porcelana, da postura etc. para o todo da existência.

Naturalmente, o que se busca no Oriente (não só na Cerimônia do Chá, mas em diversas outras artes) não é a resposta racional pelo ser do ente, mas atingir uma transcendência, em torno dos quatro pilares dessa arte tradicional: harmonia, respeito, pureza e tranquilidade.

Certamente, para além do objetivo comum, há uma diametral oposição entre as artes orientais e o ideal de filosofar, expresso, por exemplo, por Platão em *Teeteto* (175a): a procura do "em si", o buscar saber, como diz Sócrates, não se tal ato é justo mas o que a justiça é em si; o que é "o belo", "o bom" em si.

A essa visão ocidental, contrapõe-se, literalmente, por exemplo, o livro II do *Tao*<sup>9</sup>:

## II

sob o céu	
conhecer-se o que faz o belo belo	eis o feio!
conhecer-se o que faz o bom bom	eis o não bom!
portanto	
o imanifesto e o manifesto	consurgem
o fácil e o difícil	confluem
o longo e o curto	condizem
o alto e o baixo	convergem
o som e a voz	concordam
o anverso e o reverso	coincidem

Com a Cerimônia do Chá não se busca compreender racionalmente a transcendência ou qualquer outra coisa; mas atingi-la existencialmente, por meio do rito, envolvendo corpo e objetos materiais.

Cabe aqui uma nota final, sobre o cotidiano até na metodologia dessas nossas pesquisas sobre o *Chado*. Trata-se de trabalhos acadêmicos e, portanto, estamos instalados no coração mesmo da *ratio* ocidental e nas antípodas de tradições orientais,

<sup>8</sup> Conferência "Universitário: o significado de ser católico, hoje" <http://www.hottopos.com/congrerj.htm>

<sup>9</sup> Escritos do Curso e Sua Virtude (*Tao Te Ching*) trad. de Mario Bruno Sproviero. [http://www.hottopos.com/tao/dao\\_de\\_jing01.htm](http://www.hottopos.com/tao/dao_de_jing01.htm)

Zen ou Tao etc., que indicam a prática ritual, o silêncio, ou, quando muito, a parábola, o aforismo etc. Em nosso caso, dado o tema, a metodologia recomendada necessariamente inclui uma maior abertura, para além de procedimentos protocolares operacionais. *Mutatis mutandis* é o que preconizava o grande pensador espanhol Julián Marías – que junto com Ortega constitui o maior expoente da filosofia espanhola contemporânea – precisamente num prefácio a uma tese de doutoramento: *O método? Sentir, como se fossem minhas, as tuas dores*. E conclui: “Sim, [este é o método] mas a indagação dos métodos intelectuais, de maneira que se veja claramente que isto é um método, requereria outra tese de doutoramento, que alguém deveria escrever”<sup>10</sup>

Confluímos novamente com a tradição ocidental, que faz da admiração o princípio (*arkhê*) do filosofar<sup>11</sup>. Bem entendido, o *mirandum* do simples e não do estapafúrdio, “o bezerro de duas cabeças”, na deliciosa formulação de Adélia Prado.

Como diz Pieper:

O que suscita a admiração do filosófico não é o que “nunca se viu”, o anormal e sensacional, capaz de provocar algo parecido com a verdadeira admiração num espírito que se tornou embotado... Perceber no que é cotidiano e familiar o verdadeiramente estranho e não cotidiano, o *mirandum*, eis o princípio do filosofar. E nisso, tal como afirmam Aristóteles e Tomás de Aquino, o ato filosófico é aparentado ao ato poético<sup>12</sup>.

E comenta Lauand:

De fato, não é preciso muito esforço para verificar como, no nosso tempo, perdemos quase completamente a capacidade de admirar-nos com o Simples. Precisamos mais e mais do estapafúrdio (pense-se nos esoterismos e no pulular de seitas nos dias de hoje) para provocar algo assim como uma pseudo-admiração, prostituída, falsa, sucedâneo para a legítima admiração, que reclama respostas filosóficas, poéticas, religiosas, amorosas: formas genuínas de resposta à verdadeira admiração<sup>13</sup>.

Do caminho do Simples (e dos descaminhos de sua perda...) fala também Heidegger em *O Caminho do Campo*:

O dom que (o Simples) dispensa se esconde na inaparência do que é sempre o mesmo. (...) O homem se dispersa e se torna errante. Aos desatentos o Simples parece uniforme. A uniformidade entedia. Os entediados só vêem monotonia a seu redor. O Simples desvaneceu-se. Sua força silenciosa esgotou-se. O número dos que conhecem o Simples como um bem que conquistaram diminui, não há dúvida, rapidamente. Esses poucos, porém, serão, em toda a parte, os que permanecem<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> Marías, Julián *Hispanoamérica* Madri, Alianza, 1986, p. 369.

<sup>11</sup> Cf. por exemplo Platão, *Teeteto*, 155d; Aristóteles, *Metafísica*, A, 2, 982b; Santo Tomás, *In Met.* I, 3; etc.

<sup>12</sup> Pieper, Josef *O que é filosofar?* São Paulo, Loyola, 2009, p. 42.

<sup>13</sup> Lauand, Jean “O filósofo e o poeta” <http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>

<sup>14</sup> Heidegger, *Sobre o problema do ser. O caminho do campo*. São Paulo, Duas Cidades, 1969, p. 69-70.

O grande problema do Ocidente para estabelecer uma pedagogia do *mirandum* (do simples que suscita a admiração) reside principalmente no fato de que a atitude de admirar-se não é ativa. Nem passiva. É voz média. É dom. Nisto, como em tantos outros valores orientais, não se pode trabalhar na clave dos objetivos comportamentais da aprendizagem: “Ao final deste módulo, o aluno estará apto a...” “...admirar-se”?, “...saborear o simples”?, “... despertar para a sua própria dignidade e a do outro”?. Acaso essas formulações não soam como gritantes *nonsense*? (Seria bom que as Secretarias de Educação tivessem isso em conta quando propõem módulos programáticos de “Educação para a paz”, “para a cidadania”, “para a inclusão” etc.)

O viés ocidental é posto em máximo relevo por Herrigel, em sua deliciosa narrativa de aprendiz da arte do arco no Japão; arte na qual o objetivo só é atingido se não for diretamente buscado como objetivo:

Para nos utilizarmos de uma expressão cara aos mestres, é preciso que o arqueiro, apesar de toda a ação, se converta num ser imóvel para, então, se dar o último e excelso fato: a arte deixa de ser arte, o tiro deixa de ser tiro, pois será um tiro sem arco e sem flecha; o mestre volta a ser discípulo; o iniciado, principiante; o fim, começo, e o começo, consumação. Para os ocidentais, habituados a conceitos mais claros, tais formulações – familiares aos habitantes do Extremo Oriente – são de difícil apreensão, levando quase sempre à perplexidade. [...] Todas essas artes (*do*) pressupõem – e, segundo sua índole, cultivam conscientemente – uma atitude espiritual que em sua forma mais elevada (...) o tiro com arco não persegue um resultado exterior, com o uso do arco e da flecha, mas uma experiência interior, muito mais rica. Arco e flecha são, por assim dizer, nada mais do que pretextos para vivenciar algo que também poderia ocorrer sem eles; pois são apenas auxiliares para o arqueiro dar o salto último e decisivo<sup>15</sup>.

Um teste para identificar que um “objetivo” do ensino escapa à ocidental obsessão pela voz ativa é perguntar se esse objetivo pode ser agendado. Manifesta-se assim o ridículo da situação: na próxima 4ª. f., às 15:30h, devo passar no banco para pagar contas; às 16:15h devo admirar-me (!!!), às 18:00h devo emocionar-me...

O pensamento confundente oriental permite uma inclusão num nível tão mais profundo, que nem chega a ser “inclusão” (só se pode incluir aquilo que está fora; o que já faz parte, integra e não precisa ser “incluído”). Seja-me permitido, a propósito, relatar um episódio pessoal recente. Passeava com minha irmã, de mãos dadas com meus sobrinhos, Dan e Jyou, gêmeos de três anos, e deparamos um cartaz de publicidade (de um produto de alimentação natural), no qual aparecia uma família sorridente: pai, mãe e três filhos pequenos. Chamei a atenção dos meninos para o belo cartaz e eles responderam felizes: “Oh, parece a gente...”. Em suas pequenas cabeças confundentes não há espaço para separações (a família no cartaz era negra) e nem mesmo para a “inclusão” (o que pode muito bem se perder com a escolarização...).

Recebido para publicação em 29-12-11; aceito em 18-01-12

---

<sup>15</sup> Herrigel, Eugen, *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen*. São Paulo, Pensamento, 1991, p. 18-19.